

cultura: imagens e representações

# ESTUDOS DO SÉCULO

# XX

número 8 . 2008

neste caso, importante para o amadurecimento das práticas profissionais, para obrigar cada profissional a pensar sobre o que faz, para não fazer repetindo mecanicamente as técnicas. Por isso a aliança entre a ética e a história e a deontologia é, a nosso ver, de primordial importância. A ética e a deontologia devem obrigar-nos a pensar sobre o problema que temos pela frente para resolver, responsabiliza-nos; devem funcionar como elementos imprescindíveis para as mais correctas tomadas de decisão, tornando mais ágeis os processos porque, justamente, somos obrigados a pensar sobre eles e também porque não desconhecemos o que a história nos ensina a este propósito. As últimas cinco dezenas de páginas são de apêndices e bibliografia que proporcionam ao leitor um conjunto de valiosas fontes.

Não é pelo facto de Romero Bandeira ser Investigador do CEIS20 que recomendamos a obra. Trata-se de um trabalho redigido por alguém que conhece no terreno os problemas de catástrofe. Além de professor de medicina, Romero Bandeira é médico especialista em Medicina Geral e Familiar o que lhe permitiu contactar com realidades bem complexas; é Presidente do Conselho Científico e Pedagógico da Escola Nacional de Bombeiros e durante largos anos foi Comandante dos Bombeiros de S. Pedro da Cova, Porto. E esta realidade sobressai da sua obra: a de que foi escrita e as fontes analisadas por alguém que, se por um lado ganhou distância suficiente dos documentos, por outro lado, possibilitou uma análise e uma interpretação das fontes com um conhecimento rigoroso das matérias investigadas.

João Rui Pita  
Professor da Faculdade de Farmácia  
Investigador do CEIS20  
Universidade de Coimbra

### A propósito da 3ª edição da *História da farmácia* de João Rui Pita

Em *O Primeiro de Janeiro* de 21 de Maio de 2007, um dos meus livros, *História da Farmácia*, foi objecto de uma recensão divulgativa a propósito da sua 3ª edição (Coimbra, MinervaCoimbra, 2007; lançamento a 10 de Maio de 2007). Agradeço a iniciativa do colega e amigo Carlos Fiolhais, Professor de Física na Universidade de Coimbra e admiro a sua curiosidade sem fronteiras, a sua vontade inteligente de aprender sempre mais para conquistar o grande público para a causa da ciência.

Não me surpreendeu o tom divertido que tão habilmente tem usado para atingir tão nobre finalidade, justamente a finalidade de inculcar a cultura científica nas mentes de todos nós, mais jovens ou menos jovens. Para mim este é precisamente um dos combates pelos quais vale a pena trabalhar alegremente, como é exemplo esta minha *História da Farmácia*.

No entanto, a história tem os seus caminhos, lança at armadilhas onde muitas vezes acabam por cair mesmo aqueles que receberam treino arquivístico de vários anos e formação historiográfica, historiológica e epistemológica. Esta formação não se ganha do pé para a mão nem nos cai em cima como uma certa maçã...

Na recensão à minha *História da Farmácia*, Carlos Fiolhais correu depressa demais. Gostaria aqui de abordar dois ou três tópicos que mais nos chamaram a atenção na sua recensão porque podem, na verdade, ilustrar um modelo de leitor ou até mesmo ilustrar o modo como o grande público pode encarar a história da ciência.

Assim, parte significativa da recensão é dedicada à publicidade farmacêutica que ilustra a *História da Farmácia* nos seus dois capítulos finais. A publicidade farmacêutica aí inserida, caracteriza, por um lado, a medicação da época e, por outro

lado, transmite-nos informação sobre um dos aspectos mais importantes da farmácia de oitocentos e da primeira metade do século XX que é, justamente, a industrialização do medicamento. É uma questão que ultrapassa os limites do estritamente técnico e científico e que se articula com problemáticas complexas de ordem política, social e económica. Não se trata de algum “fait-divers”, como julgou o meu crítico, nem de uma escolha segundo qualquer critério psicologista.

Sem dúvida, os comentários do articulista a propósito da publicidade enfermam do chamado presentismo – pecado de *lesahistória* que os historiadores sabem identificar. Os medicamentos anunciados correspondiam ao convencionado e instituído na época; correspondiam àquilo que a população dispunha para tratar muitas e variadas doenças; espelhavam o esforço de muitos cientistas para obterem o medicamento mais eficaz. Em caso algum lhes assenta o dizer divertido de Carlos Fiolhais que identifica esses medicamentos com o epíteto bastante infeliz de “banha da cobra”. Aliás o nosso colega e amigo gostou tanto da sua descoberta da “banha da cobra” que fez questão de colocar tão inapropriada expressão no título da recensão da minha obra, levando os leitores desprevenidos a julgar que a minha obra trata de mezinhas de feira ou de rua.

Alguns dos medicamentos foram publicitados no prestigiadíssimo periódico científico *A Medicina Contemporânea*, onde escreveu a elite da ciência médica portuguesa.

O comentário de Carlos Fiolhais ao anúncio do Depuratol é o seguinte: “era a banha da cobra para o menino e para o velho”. Fala de “drogas gastronómicas” a propósito da “Carne líquida do Dr. Valdés Garcia...” e do “Vinho Girard...” e sublinha que “a ‘Carne Líquida’ devia talvez ser acompanhada pelo ‘Vinho Girard’”.

Tudo isto equivale a ferir de ridículo a própria historicidade, algo que não aceito. A história não é uma anedota de mau gosto. E a abordagem histórica da publicidade a medicamentos e cosméticos é um objecto a que nos temos dedicado nos últimos anos e sobre o qual já publicámos vários textos. Não admira que assim seja pois na Faculdade de Farmácia a história da farmácia é levada a sério no plano curricular.

Veja-se, por exemplo, o capítulo do livro que publicámos recentemente na obra comemorativa dos quinze anos do INFARMED, organismo sob tutela do Ministério da Saúde, intitulado, “Para uma história da publicidade farmacêutica em Portugal” (In: António Groen Duarte, *Infarmed 15 anos*, Lisboa, Ministério da Saúde / Infarmed, 2008, pp. 31-39). Vejam-se, igualmente, os trabalhos devotados à história dos medicamentos e dos cosméticos como o que publicámos em colaboração com Maria de Lourdes Rebelo, “Cosméticos: sua evolução” (*Medicamento, História e Sociedade*, 3(8)1988, pp. 1-6), “Breve história dos cosméticos” (*Munda*, 32, 1996, pp. 17-28) e os vários trabalhos que temos em colaboração com Ana Leonor Pereira, “La publicité pharmaceutique, médicale et cosmétique dans la revue *A Illustração*” (*Revue d’Histoire de la Pharmacie*, 309, 1996, pp. 159-168), “Publicidade a cosméticos (Séculos XIX-XX)” (*Munda*, Coimbra, 35, 1998, pp. 29-40), “Egas Moniz e a publicidade a medicamentos” (In: Jorge Pedro Sousa (Org.) – *Comunicações. II Congresso Luso-brasileiro de Estudos Jornalísticos / IV Congresso Luso-galego de Estudos Jornalísticos*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2005, pp. 401-406). Isto para não falarmos dos inúmeros artigos publicados em revistas devotadas à história da farmácia e das ciências farmacêuticas como as prestigiadas *Revue d’Histoire de la Pharmacie* e *Pharmacy*

*in History*. Também no último congresso mundial de história da farmácia realizado em Sevilha, em 2007, o tema da publicidade a medicamentos foi objecto de comunicações, sendo hoje um tema nobre entre os múltiplos objectos de estudo que a história da farmácia nos oferece. Portanto, falar deste trabalho historiográfico como *fait-divers*, mostra uma brincadeira para lá dos limites, muito ofensiva.

A história que nós praticamos obedece a um código historiográfico rigoroso que tivemos oportunidade de aprender com o Prof. Doutor Reis Torgal e com a Prof<sup>a</sup> Doutora Ana Leonor Pereira e muitos outros historiadores. A essa luz, certas afirmações de Carlos Fiolhais não têm cabimento; por exemplo, diz o articulista que “uma das histórias mais curiosas da história da nossa Farmácia não se encontra, curiosamente, no livro. Trata-se da transformação do Laboratório Chimico em laboratório farmacêutico”; e refere que “em 1809 o edifício pombalino foi transformado em farmácia a fim de debelar um surto de peste”, indicando de seguida as substâncias aí produzidas. Ora tive oportunidade de estudar este assunto com algum pormenor aquando da minha tese de doutoramento (*A Farmácia na Universidade de Coimbra (1772-1836). Ciência, ensino e produção de medicamentos no Dispensatório Farmacêutico*, Coimbra, 1995). Muito recentemente, por outras razões, voltei a trabalhar nos documentos históricos. Nenhum documento que consultei diz que o *Laboratório Chimico* foi transformado em farmácia.

Dar esse salto é pisar o risco; não é interpretar com graça. Devo sublinhar que é muito estreita, desde sempre, a ligação do *Laboratório Chimico* ao mundo da farmácia, logo desde a sua fundação: os aprendizes de farmácia que aí laboravam eram designados por operários; no início do século XIX, aquele estabele-

cimento prestou vários serviços à comunidade e um deles foi a produção de desinfetadores, como refere, não apenas através de Tomé Rodrigues Sobral mas com a colaboração de outros como, por exemplo, do professor de medicina, Jerónimo Joaquim de Figueiredo. À luz dos documentos da época também não podemos afirmar que a doença em causa era a peste. Assim sendo, numa obra de síntese este facto interessante para a história da farmácia conimbricense, não poderia ser assumido como algo crucial da história da farmácia.

Numa obra geral de síntese haverá lugar para a crítica que se deu como exemplo? Julgamos ser abusivo e que pode levar o leitor da recensão a pensar que houve negligência ou ignorância por parte do autor da *História da Farmácia*. Deve dizer-se também que o episódio não é apenas “uma das histórias mais curiosas”; não pode nem deve ser encarado como uma curiosidade, pois tal implicava pensar que, por exemplo, a revolução química de Lavoisier não passou de uma *curiosidade* ou que a introdução da medicação preventiva não passou de uma *curiosidade*. Portanto, a inclusão desse episódio na obra, se tal fosse o caso, nunca seria devido ao facto de se tratar de uma *curiosidade*.

A *História da Farmácia* é uma obra de síntese e que faz uma síntese da farmácia portuguesa em cada período. Se fosse uma história da farmácia em Portugal posso assegurar que além desse abordaria outros episódios igualmente interessantes. No entanto, como o leitor verificará abordei sinteticamente mas de uma maneira enfática a incontornável revolução química de Lavoisier e seu impacto em Portugal.

Ao Prof. Carlos Fiolhais agradeço esta oportunidade de dizer o quão fascinante é para mim a história da farmácia e da

medicina. O meu fascínio implica respeito pelo labor e pelo esforço desenvolvidos pelas sucessivas gerações ao longo de séculos de história. A minha *História da Farmácia* não é uma história da farmácia em anedotas ou um anedotário farmacêutico.

João Rui Pita  
Professor da Faculdade de Farmácia  
Investigador do CEIS20  
Universidade de Coimbra